

# **A saga e o sofrimento do *outro* senegalês: a construção do racismo em representações midiáticas da migração**

*Saga and suffering of the Senegalese other: building racism into media representations of migration*

*La saga y el sufrimiento del otro senegalés: la construcción del racismo en representaciones mediáticas de la migración*

---

**Liliane DUTRA BRIGNOL**

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil / lilianebrignol@gmail.com

**Nathália DREY COSTA**

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil / nathaliadreycosta@gmail.com

---

*Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*

*N.º 138, agosto-noviembre 2018 (Sección Monográfico, pp. 131-147)*

*ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X*

*Ecuador: CIESPAL*

*Recibido: 23-03-2018 / Aprobado: 28-07-2018*

## Resumo

O artigo investiga a representação midiática da migração senegalesa no Brasil, situando a discussão na perspectiva de identidade, representação, diáspora e racismo. Para isto, parte de mapeamento da cobertura da mídia sobre a presença migratória de senegaleses no Rio Grande do Sul, com análise de conteúdo de 145 matérias em sites de oito jornais entre 2014 e 2015, para aprofundar a análise em reportagem do jornal *Zero Hora*, representativa sobre a chegada de novos fluxos migratórios ao país. Identificamos que, mesmo que se proponha a mostrar de maneira humanizada a situação dos migrantes, a reportagem ainda o faz a partir de referentes que reforçam a associação entre vitimismo e migração, indicando uma construção midiática que naturaliza as diferenças entre nós, nacionais, e o *outro*, migrante negro.

**Palavras-chave:** representações; mídia; migrações; racismo.

## Abstract

This article investigates the media representation of Senegalese migration to Brazil, drawing on debates on identity, representation, diaspora, and racism. It maps out media coverage on Senegalese migration in the state of Rio Grande do Sul by analyzing the content of 145 news items on websites from eight newspapers between 2014 and 2015. Later, this helps to analyze an article portraying the arrival of new migration flows to the country from newspaper *Zero Hora*. We have identified that, even though it is set to show migrants' situation in a humanized fashion, the newspaper article still reinforces the association between victimhood and migration, thus pointing to a media construction that naturalizes differences between us, nationals, and the other, the black migrant.

**Keywords:** representations; media; migrations; racism.

## Resumen

El artículo investiga la representación mediática de la migración senegalesa en Brasil, situando la discusión en la perspectiva de identidad, representación, diáspora y racismo. Para ello, parte del mapeo de la cobertura de los medios sobre la presencia migratoria de senegaleses en Rio Grande do Sul, con análisis de contenido de 145 temas en sitios de ocho diarios entre 2014 y 2015. El análisis se profundiza con un reportaje del diario *Zero Hora*, representativo sobre la llegada de nuevos flujos migratorios al país. Identificamos que, aunque se proponga mostrar de manera humanizada la situación de los migrantes, el reportaje lo hace a partir de referentes que refuerzan la asociación entre victimismo y migración, indicando una construcción mediática que naturaliza las diferencias entre nosotros, nacionales, y el *otro*, migrante negro.

**Palabras clave:** representación; medios de comunicación; migraciones; racismo.

## 1. Introdução

Pensar sobre as migrações transnacionais implica em refletir também sobre as representações produzidas, postas em circulação e consumidas sobre tal fenômeno através da mídia. A representação midiática pode ser entendida como parte da experiência que construímos socialmente sobre os fluxos migratórios contemporâneos, tanto para quem deixa seu país de nascimento quanto para quem convive com a diferença colocada em contato de forma mais dinâmica por tais deslocamentos.

A partir deste reconhecimento, o presente texto articula reflexões desenvolvidas durante o projeto de pesquisa “Comunicação em rede, diferença e interculturalidade em redes sociais de migrantes senegaleses no Rio Grande do Sul” (com apoio da Fapergs/RS)<sup>1</sup>. Neste artigo, o interesse volta-se para a representação midiática da migração de senegaleses no contexto brasileiro, especialmente ao estado do Rio Grande do Sul (RS). Para esta abordagem, situamos nossa compreensão de identidade e representação na perspectiva dos estudos culturais. Como procedimentos metodológicos, desenvolvemos um mapeamento da cobertura da mídia sobre a presença migratória de senegaleses no RS, com a coleta e análise de conteúdo de matérias publicadas nos sites de oito jornais nacionais e regionais, entre 2014 e 2015. Dentre a coleta de matérias jornalísticas locais, destacamos a análise de uma reportagem publicada pelo jornal *Zero Hora*, em junho de 2015, que acompanhou o cotidiano de migrantes haitianos e senegaleses no estado do Acre, Norte do Brasil, durante um mês em que aguardavam transporte e regularização da sua situação no país.

Sobre a presença de senegaleses ao Brasil, entre os estados brasileiros que mais recebem esses migrantes está o Rio Grande do Sul. A partir de 2015, foram concedidas mais de 800 vagas de trabalho temporárias no estado a migrantes desta nacionalidade, segundo relatório do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), vinculado ao Ministério do Trabalho no Brasil. Relatório do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) informou que foram concedidas mais de 200 autorizações de trabalho temporário e permanente a senegaleses no Brasil no primeiro trimestre de 2016, apenas em uma aproximação oficial à presença migratória que chegou a ser estimada em torno de 4 mil pessoas por entidades da sociedade civil.

Os senegaleses estão presentes em municípios como Caxias do Sul<sup>2</sup>, Passo Fundo, Marau, Erechim, Bento Gonçalves, Porto Alegre, entre outros. A chegada foi intensificada desde 2010, período no qual cidades gaúchas passaram a fazer parte do destino de migrantes transnacionais, atraídos, sobretudo, pela até

1 Aprovado no Edital 02/2014 – Pesquisador Gaúcho da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs) e desenvolvido no Departamento de Ciências da Comunicação/ Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria – RS.

2 O Centro de Acolhimento ao Migrante (CAM), sediado em Caxias do Sul (RS), registrou mais de 1900 migrantes atendidos pelo centro até 2014.

então crescente oferta de trabalho na indústria alimentícia, metal-mecânica e na construção civil, cenário também em mudança desde o período mais recente, com a redução de oferta de vagas no mercado de trabalho local, em função da crise econômica vivida no país.

Diante da aproximação da temática ao contexto da migração senegalesa, a pesquisa, em que se insere este artigo, nos exigiu refletir sobre a própria noção da diáspora como metáfora para um sentido mais fluido e maleável de cultura e de identidades (Hall, 2003), ou mesmo como uma ecologia social de identificações (Gilroy, 2012). Localizado na África Ocidental, colônia francesa até 1960, o Senegal tem sua história marcada pela trajetória de deslocamento de sua população, sobretudo rumo à França e a outros países da Europa, principalmente Espanha e Itália, depois aos Estados Unidos, países identificados como sinônimo de progresso diante da lógica colonial. Desde o começo do século XXI, com o endurecimento de políticas migratórias, vêm-se diversificando esses destinos, sendo a América do Sul, principalmente Argentina (Kleidermacher, 2013; Chevalier-Beaumel & Morales, 2012) e Brasil (Tedesco & Kleidermacher, 2017; Heredia, 2015) os mais frequentes.

No contexto brasileiro, a presença migratória pode ser observada pela inserção de senegaleses no mercado de trabalho formal e pela atuação no comércio informal. Marcada pelo caráter laboral, a migração senegalesa ganha visibilidade também a partir da atuação de entidades de caráter político, religioso e cultural, a exemplo de associações dos senegaleses de Porto Alegre, de Caxias do Sul e de outros municípios gaúchos. Manifestações religiosas promovidas pelos muçulmanos ligados à confraria Mouride, professada pela maioria dos senegaleses que aqui chegam, e atividades como festas, e mostras, ganham espaço também na mídia local. Infelizmente, a dimensão do conflito, com situações de racismo e xenofobia, dirigidas a um coletivo formado majoritariamente por homens, jovens e negros, também fazem parte do cotidiano dos senegaleses e integram a cobertura da mídia.

Diante deste cenário, interessa-nos refletir sobre as representações dos migrantes senegaleses na mídia, a partir de um entendimento das construções midiáticas enquanto práticas simbólicas com lógicas específicas que são, reflexivamente, constitutivas de modos de percepção da população local sobre a migração, atuam nas próprias experiências migratórias e sinalizam um sentido comum que vai sendo compartilhado sobre os coletivos migrantes.

## **2. Representação midiática e a construção do discurso racializado das diferenças**

Partimos de uma compreensão de representação enquanto dimensão que conecta o sentido e a linguagem à cultura. Fundamentada em seu enfoque construtivista, a representação configura a própria produção de sentido pela lin-

guagem, um sentido que, em dinâmicos processos de intercâmbio e tradução, nunca é direto ou transparente e não permanece intacto na passagem representacional (Hall, 2016).

Nesta perspectiva, as representações são pensadas pelo foco da identidade e da diferença, enquanto uma construção que se dá por oposição. Partindo do caráter relacional e flexível das identidades, sempre abertas e plurais, o conceito de representação só pode ser entendido a partir da relação entre cultura e significado. Segundo Hall (1997), a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior, de modo a incluir práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. O autor faz, portanto, pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas.

Ao estudar as imagens do negro na cultura ocidental, sobretudo britânica, por exemplo, Hall (2010, p. 423-424) destaca que as representações são utilizadas como ferramentas para marcar diferenças raciais e significar o *outro* racializado. O pesquisador destaca três componentes de encontro do Ocidente com os povos negros, responsáveis por uma sucessão de representações baseadas na marcação de diferença racial que leva, muitas vezes, à estereotipação como prática. O primeiro encontro começou com o contato no século XVI entre comerciantes europeus e os reinos da África Ocidental, com efeitos em três séculos de escravidão. O segundo momento trata-se da colonização da África, o controle e a exploração dos territórios coloniais, seus mercados e matérias-primas. O terceiro encontro é, justamente, a migração, a partir do século XX, do chamado “terceiro mundo” rumo à Europa e América do Norte.

Na conformação desses discursos sociais construídos a partir da mediação das culturas e das experiências de identidades, a mídia aparece como articuladora central. Passa a ser fundamental, portanto, às dinâmicas de reconhecimento e legitimação de critérios com os quais os grupos sociais são percebidos e percebem a si mesmos. Esta representação midiática é construída em um cenário de centralidade dos meios de comunicação na conformação dos sentidos compartilhados socialmente, sendo parte essencial da mediação das nossas experiências cotidianas (Silverstone, 2005). Assim, o espaço midiático se insere nessa arena de sentidos, por meio da linguagem e por meio das representações sociais em disputa. Sodré (1992) avalia que o caráter industrial dos meios de comunicação contribui para o reforço de papéis e estereótipos presentes na memória coletiva de uma sociedade tradicional. O autor expressa que as representações sociais são fundamentais na questão do relacionamento com a alteridade. A naturalização da cultura, base do pensamento racista para Sodré (em consonância com Hall), é a problemática que segue reproduzindo representações racistas que rejeitam reformas em seu interior. Criam-se apenas representações engessadas – ou, como sintetiza Fanon, “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (Fanon, 2008, p. 30).

Ainda de acordo com Sodré (1992), o racismo é tanto um suposto saber imediato sobre o *outro* (um sistema de representações) quanto uma relação social concreta no interior de um território que se identifica enquanto nacional (Sodré, 1992). Para o pesquisador, uma cultura que se atém demasiadamente às representações feitas no espaço midiático, tende a manter a representação do negro e do migrante (em alguns casos, também negro) como essencialmente negativa. Naturalmente, o estereótipo serve à manutenção da ordem do social e do simbólico, pois o processo de estereotipar algo está centralizado em espaços onde ocorrem grandes desigualdades de poder (Hall, 2010). O estereótipo é, simultaneamente, “um substituto e uma sombra” (Bhabha, 2003, p. 126), portanto, se atém a poucos traços que são eternizados e que se agarram a aspectos reducionistas da realidade, fixando limites e excluindo o que não se encaixa nesse mecanismo (Hall, 2010).

O racismo é também um problema de representação e naturalização do discurso racializado. Fanon ([1952] 2008) reivindica a necessidade de afirmação de valores positivos em relação ao negro, focando na universalização desses valores. Remeter à antiguidade africana e às civilizações que se construíram no continente são ações válidas para situar o negro na história da humanidade, porém, sem que essa localização o separe do restante da humanidade, o que geraria mais brechas de diferenciação negativa entre brancos e negros. O reforço e o valor da história e da identidade africanas estão nessa marcação de culturas reconhecidas, colocando o negro em situação de igualdade, sem a relação de superioridade e inferioridade de grupos perante outros (Fanon, 2008).

Assim, pensar nas representações a cerca da migração de senegaleses para o Brasil exige inserir o debate em um contexto marcado pela naturalização e pela construção de um discurso racializado das diferenças. Principalmente porque no Brasil existe, historicamente, um “discurso da mestiçagem” (Schwarcz, 2014), que condiciona as noções a respeito de negros e brancos no país a de mestiços, miscigenados. Essa ideia de miscigenação produziu a característica de um racismo velado brasileiro, uma vez que ninguém seria (através desta construção discursiva) totalmente branco ou preto. A produção da falsa lógica de que não há racismo no Brasil, tem feito supor uma harmonia racial brasileira. Porém, como pontua Schwarcz (2014), mesmo que o discurso da identidade pressuponha igualdade de raças, trata-se de “uma retórica que não encontra contrapartida fácil na valorização das populações mestiças e negras, que continuam a ser [...] discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até do lazer” (Schwarcz, 2014, p. 28).

Portanto, se na identidade nacional costurada à identidade negra há discriminação e ausência, é presumível o que esperar da representação da identidade negra não-nacional. É a partir destas compreensões que nos propomos a voltar o olhar para as representações das migrações senegalesas na mídia brasileira. Como lembra ElHajji,

[...] a presença, afirmação ou negociação de territórios existenciais e identitários se dá, em grande parte, no novo lócus - por excelência - de luta pelo poder que é a esfera midiática, [ficando evidente] a dramaticidade da questão da representação midiática do *outro* nas relações intercomunitárias e, mais ainda, na relação das comunidades especiais (étnicas no caso deste trabalho) com a sociedade em geral. (ElHajji, 2011, p 6-8)

Como referido por Cogo e Brignol (2015), muitos estudos que focalizam as representações sobre as migrações identificam uma tendência de criminalização sustentada pelo paradigma de defesa das fronteiras nacionais. Há indicativos, nestas pesquisas, da ênfase em aspectos econômicos, relacionados a questões de segurança ou a políticas migratórias, que culpam ou vitimizam o migrante, abordando o tema de maneira redutora. Em parte, é o que percebemos na cobertura sobre a migração senegalesa para o Brasil.

### 3. Migração Senegalesa Na Mídia

O mapeamento da mídia sobre a cobertura da migração senegalesa para o Brasil foi realizado a partir da consulta semanal e da pesquisa no sistema de busca dos sites analisados, pelo cruzamento das palavras-chave *Senegal, senegaleses, africanos, migração e imigração*, nos meses de março a dezembro de 2014 e 2015. Foram selecionados sites de jornais de circulação nacional: *Folha de São Paulo, Estadão e O Globo*; sites de jornais com circulação no RS: *Zero Hora, e Correio do Povo*; além de sites de jornais com circulação em cidades gaúchas com destacada presença migrante: *Pioneiro*, de Caxias do Sul, *Gazeta*, de Bento Gonçalves, e *O Nacional*, de Passo Fundo<sup>3</sup>.

Assumindo possível limite com a captura das matérias pelas ferramentas de busca dos sites, foram localizadas 41 matérias jornalísticas relacionadas à temática da migração senegalesa no Brasil em 2014, e 104 matérias jornalísticas nos sites dos mesmos jornais em 2015. As matérias foram analisadas conforme as editoriais em que foram publicadas, usos de imagens e recursos interativos, fontes acionadas para falar sobre o assunto, assim como por meio de uma categorização temática criada a partir da leitura dos conteúdos, de modo a agrupar sentidos comuns construídos midiaticamente. Nos dois períodos de coleta, chegamos a onze categorias temáticas que indicam modos de representação da migração senegalesa na mídia nacional e local. São elas: *Saúde; Discriminação/racismo; Polícia/violência contra migrantes; Polícia/crimes; Economia/remessas; Chegada/cifras; Mercado de trabalho; Cidadania jurídica/ Políticas migratórias; Cotidiano; Mobilização social; e Integração*.

3 Endereços eletrônicos: [www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br), [www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br), [oglobo.globo.com/](http://oglobo.globo.com/), [gauchazh.clicrbs.com.br/](http://gauchazh.clicrbs.com.br/), [www.correiodopovo.com.br](http://www.correiodopovo.com.br), [pioneiro.clicrbs.com.br/rs/](http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/), [www.gazeta-rs.com.br](http://www.gazeta-rs.com.br), [www.onacional.com.br](http://www.onacional.com.br).

Em 2014, conforme análise publicada em outro texto (Brignol, 2016), identificamos que a migração ainda era abordada majoritariamente pelo viés econômico (trabalho, remessas) e das políticas migratórias (leis, cifras sobre a chegada de novos migrantes), sobretudo nos jornais de circulação nacional. Pudemos perceber a manutenção de uma cobertura de caráter discriminatório com a vinculação da presença migratória a questões de saúde pública (contaminação por Ebola, por exemplo), e com casos de polícia. As matérias que discutiam a cidadania migrante (direitos trabalhistas, acesso à justiça e saúde, políticas públicas) apareceram relacionadas a uma questão de demanda social ou problemas a serem resolvidos. Nos jornais locais de cidades com maior presença migratória, identificou-se uma tendência à abordagem sob a perspectiva da integração, com destaque a festas e manifestações culturais, assim como matérias que buscavam enfatizar a contribuição do migrante, ainda que sob o enfoque mais econômico do que social e/ou cultural.

Em 2015, a chegada de novos migrantes se mantém como a temática mais recorrente, a exemplo da reportagem analisada neste artigo. O destaque é para as estatísticas migratórias, com predomínio das cifras sobre as histórias dos sujeitos envolvidos no fenômeno, de modo a configurar um sentido de medo diante do crescimento da presença migratória, como já identificado na análise de Van Dijk (1997) sobre a cobertura do tema na imprensa europeia. Em comparação com 2014, houve mais matérias que narram situações de conflito envolvendo migrantes, seja pela ação violenta da fiscalização do trabalho informal, seja por denúncias de situação de racismo e agressões sofridas pelos migrantes.

Embora a própria noção de integração precise ser problematizada, o conjunto de matérias que identificamos a partir desta temática indica um sentido de reconhecimento da presença migratória a partir de elementos valorados como positivos. Aqui consideramos notícias ou reportagens que revelam aspectos culturais, com ênfase em manifestações religiosas, assim como iniciativas da sociedade civil que visam à interculturalidade. A presença crescente de matérias com esse enfoque é sinalizadora de uma possível mudança na representação midiática sobre a migração senegalesa. Entretanto, mesmo sob essa perspectiva, ainda é pequeno o espaço de matérias que priorizem o protagonismo migrante e que resguardem aos próprios sujeitos um lugar de fala sobre as experiências vividas. Em alguns casos, como o que analisamos a seguir, mesmo que a matéria se proponha a mostrar de maneira humanizada a situação dos que chegam ao Brasil, ainda o faz a partir de referentes que tendem a naturalizar as diferenças entre nós, nacionais, e o *outro*, migrante.



#### 4. A saga e o sofrimento do outro senegalês: análise de reportagem em ZH

A escolha da reportagem veiculada pelo jornal *Zero Hora*<sup>4</sup>, em 2015, se justifica diante da quantidade de elementos para reflexões a respeito de representações sobre a identidade senegalesa em diáspora no Brasil. A produção acompanha durante um mês o cotidiano de senegaleses e haitianos que chegam à região Norte do Brasil, no estado do Acre, em um abrigo gerido pelo governo estadual para migrantes que aguardam regularização no país. A reportagem especial intitulada *Inferno na Terra Prometida*<sup>5</sup>, produzida pelo repórter Carlos Rollsing e pelo fotógrafo Mateus Bruxel, foi publicada em um momento de efervescentes discussões sobre os fluxos migratórios contemporâneos Sul-Sul. A produção midiática foi veiculada no exemplar impresso do jornal, porém, seu material possui uma continuidade através de um *hotsite* do próprio jornal<sup>6</sup>, onde podem ser encontrados a reportagem e os vídeos produzidos.

O primeiro parágrafo da reportagem traz a descrição do martírio enfrentado pelos migrantes senegaleses e haitianos que chegam ao Brasil por meio de rotas de *coiotes*<sup>7</sup> na região Norte do país, como vemos no trecho a seguir:

*Passadas 79 horas e quase 4 mil quilômetros de uma viagem desgastante e cheia de imprevistos desde Rio Branco, capital do Acre, um grupo de 18 imigrantes finalmente tinha São Paulo, a tão desejada e idealizada São Paulo, a seus pés, ao seu redor, ao seu olhar.*

O destaque para a jornada desgastante evidencia que o sonho de chegar a São Paulo é forte o suficiente para suportá-la. Esse é o primeiro indício da construção de ideário de “saga” pela qual passam migrantes que decidem vir ao Brasil.

A matéria, como um todo, descreve o cotidiano de migrantes senegaleses e haitianos na Chácara Aliança, abrigo alugado pelo governo acreano para uso desses migrantes que chegam ao país. A reportagem especial é ambientada principalmente no Acre, estado que na época recebia a maior parte de migrantes senegaleses no Brasil, servindo como uma “porta de entrada” para esses migrantes. Nesse sentido, mais um elemento torna interessante a compreensão da representação: a do território acreano enquanto “inóspito”. A região é bastante este-reotipada na mídia, a exemplo do trecho escolhido para o final da reportagem:

4 Jornal fundado em 1964, passando para o conglomerado midiático do Grupo RBS no ano de 1970. Até 2015, possuía uma estimativa de circulação diária de mais de 200 mil exemplares impressos. Atualmente, também está disponível em formatos digitais *online*, com a versão para *tablets* e *smartphones*, além da veiculação diária no portal de conteúdos Gaúcha ZH.

5 Endereço eletrônico: <https://bit.ly/2zBnK6N>.

6 Disponível, atualmente, apenas para assinantes: <https://bit.ly/2InqjvI>.

7 Termo que referencia agenciadores na migração irregular, que conduz migrantes por áreas de fronteira mediante pagamento.

Quando deixaram o *inóspito* abrigo na Chácara Aliança, no Acre, avistaram uma placa à esquerda, do lado interno do imóvel, que dizia: 'Obrigado pela preferência'. Mas não era preferência. Era apenas *sobrevivência*.

Os termos destacados reforçam a animosidade do ambiente e a necessidade pela qual passam migrantes que chegam ao Brasil – diante do elemento textual que reforça a sobrevivência em detrimento da escolha, salientando que, neste caso, não existiria outra opção.

Para relacionar ao elemento de sobrevivência, salientado na reportagem, recuperamos o termo *diáspora* como um conceito apropriado do povo judeu para se pensar a experiência africana (Gilroy, 2012). Um elemento a ser considerado a respeito do conceito de diáspora, como salienta Gilroy (2012) em seus estudos sobre o Atlântico Negro, é a associação do termo ao pensamento judaico moderno, carregado de noções de exílio, provações e dispersões. O termo é “emprestado” pelo pensamento judeu diante da história do Êxodo, a partir de noções bíblicas sobre dispersão global. A promessa de retorno à “terra prometida” (referência utilizada no título da reportagem analisada, inclusive) carrega noções basilares para se pensar o fenômeno migratório inspirado na necessidade (de trabalho e renda). O mundo contemporâneo, nesse sentido, não abre espaço apenas aos conflitos e enredos entre nações, mas, também, e fortemente, entre diásporas – deslocamentos e ressignificações a partir desses mesmos movimentos. A problemática desta noção é ater-se apenas aos conflitos da dispersão forçada, oriunda de guerras, perseguições e escravidão. Conota fuga, dispersão e sofrimento antes de mobilidade e deslocamento livre (Gilroy, 2007). A necessidade – ou não – de retorno pode balizar o pensamento sobre diáspora – sobre como a mesma representa fendas nos deslocamentos forçados na história da humanidade, ao mesmo tempo em que representa uma característica inerente das formações sociais que é a própria mobilidade dos seres humanos, o nomadismo ou mesmo o deslocamento entre territórios diferentes espalhados pelo mundo por intenção e opção de vivência.

A concepção da migração como um calvário a ser ultrapassado pelo migrante demonstra a aproximação com o sentido da migração apenas no universo do sofrimento. Entender esse sentido representado pela mídia, e por outros espaços culturais da contemporaneidade, não é ignorar problemas impostos aos migrantes, ainda mais diante do atual contexto de endurecimento de fronteiras europeias e crise global, porém, é também entender que esta representação pode estar definida dentro do estereótipo de sofrimento. Na narrativa da reportagem, as descrições dos ambientes onde convivem senegaleses e haitianos reforçam o caráter da desumanização a que estão submetidos migrantes em solo brasileiro. Descrições de alimentos que nem mesmo os animais ousam comer, de banheiros insalubres, de ambientes recheados de doenças e problemas intestinais, de aproveitadores que roubam parcas economias pela ilusão que vendem ao migrante ambientam o leitor na realidade de dor e sofrimento.

Para situar a chegada de migrantes ao Brasil a partir do ano de 2010, é utilizado na reportagem o termo “explosão”. A perspectiva que pensa na migração como um movimento ao estilo de uma “onda”, imenso, arrasador e sem limites, reforça a discriminação e o estereótipo por definir esses fluxos como invasões descontroladas. Questões que envolvam problemas com a legalidade de documentos, suborno por parte de coites, exploração, bem como rejeição do migrante à câmera fotográfica reforçam o tema da ilegalidade e da situação de marginalização imposta a migrantes. O elemento da ilegalidade é recorrente na representação da migração principalmente em continente europeu (a exemplos de notícias sobre naufrágios e mortes ocasionadas por tentativas de entrar “ilegalmente” no país escolhido) e, agora, se coloca também na representação da migração para o Brasil.

Ainda em relação à situação de migrantes, existe em todo o texto uma confusão entre os termos “refugiado” e “imigrante”. Pelo discurso, ambos parecem sinônimos – parece que todo o migrante que chegou ao Brasil está na condição de refugiado. Como a situação do visto é bastante complicada e demorada (assim como toda a legislação do Estatuto do Estrangeiro, datado da década de 1980, substituído apenas recentemente pela Lei das Migrações, em 2017), o migrante senegalês costumava solicitar refúgio – um direito internacional concedido a qualquer cidadão em qualquer país ou estado no mundo. As solicitações de refúgio permitem portar um CPF e uma carteira de trabalho para residir no Brasil, enquanto são feitas as análises dos pedidos por autoridades nacionais, o que pode levar de dois a três anos, período que muitos senegaleses costumam permanecer no país. Caso o refúgio seja concedido, o migrante recebe um visto humanitário e pode residir no Brasil nessa condição (Redin & Minchola, 2015). Com a nova Lei das Migrações, alguns aspectos referentes ao tratamento do imigrante no Brasil foram reformulados, porém, o veto presidencial prevê um ato conjunto dos ministros da Justiça, Relações Exteriores e do Trabalho para definir condições, prazos e requisitos para a emissão de vistos no país.

**Figura 1.** Fotografia de Mateus Bruxel reproduz ambiente onde dormem e convivem migrantes senegaleses e haitianos no Acre.



Também sofrem com a incapacidade de comunicação e a falta de informação. Até aqui, a terra prometida dos imigrantes é nada mais do que tragédia.

A representação do migrante como aquele que sonha com o ideal de uma vida melhor em outra terra que não a sua está presente no imaginário desde o princípio dos fluxos migratórios na sociedade moderna. Muito enfatizado pela mídia, a migração de latinos em direção aos Estados Unidos é carregada do sentido de “sonho”. Porém, o “sonho americano”, já consolidado no imaginário global, se assemelha em que termos à realidade dos senegaleses no Brasil? O trecho a seguir é significativo:

Depois de *penarem* por semanas, pulando de um ônibus a outro, cruzando diversas fronteiras, sofrendo roubos e extorsões, passando por *humilhações* e *sacrifícios* no precário abrigo acreano, eles haviam *vencido*. Enfim estavam na *terra prometida*, onde, segundo lhes asseguram, teriam *bom emprego, vida nova e prosperidade*. (trecho da reportagem *Inferno na Terra Prometida*, 2015).

Com o ideário calcado em nosso imaginário latino-americano, é fácil transpor a mesma situação para o caso dos *cucarachas*<sup>8</sup> nos Estados Unidos. Assim, cria-se também o “sonho brasileiro” para migrantes presentes nos recentes fluxos migratórios. Existiria, portanto, uma forma brasileira de receber migrantes com o objetivo de prosperar. Na reportagem, há um parágrafo que salienta que muitos senegaleses, que arranjaram emprego no Sul e Sudeste brasileiros, conseguem sustentar suas famílias e, para esses, “*o sacrifício valeu a pena*”. Assim, o estranhamento em relação ao *outro* migrante não fica apenas restrito ao campo do racismo explícito e da xenofobia visível. O estranhamento também está localizado na construção de um discurso que tende apenas a vitimizar o sujeito migrante, retirando a soberania do mesmo sobre sua própria vida. Em toda a reportagem, o que se percebe é a ideia de uma saga vivida pelo migrante: cinematograficamente falando, não faltam problemas, conflitos, esperas e frustrações de expectativas para recheiar, através da descrição no texto, o imaginário a respeito do sofrimento. O herói, após passar por todo o sofrimento, é digno de vencer de fato. A esse elemento do imaginário coletivo, que se presume aos migrantes, é que se desenha o ideário de “saga”.

Para pensar a questão da diferença, conforme salienta Hall (2010), é preciso entendê-la enquanto ambivalente em sua essência. Essa característica ambivalente da alteridade se descreve pelas diferentes maneiras de observar o *outro* e de qualificá-lo diante da sociedade global, fazendo com que a diferença não se expresse apenas pela alteridade, mas, também, através de uma hierarquia de valores do que a sociedade considera como positivo ou negativo, como identificamos nas comparações:

Haitianos são mais baixos e fortes. *Senegaleses são mais altos e magros*. Ambos *são vaidosos* e gostam de se vestir bem, principalmente os haitianos, com mar-

8 Termo racista para se referir aos latinos que residem nos Estados Unidos.

cas famosas e camisas de Messi, Neymar, Cristiano Ronaldo e Michael Jordan. Os dois países foram colonizados pela França e, hoje, oferecem dificuldades, miséria e desemprego aos seus povos. Essencialmente, *são negros*. Mas os imigrantes do Haiti e do Senegal que chegam ao Acre não se gostam, *evitam o contato*, preferem a distância. A religião é o pilar dessa *segregação*. (trecho da reportagem *Inferno na Terra Prometida*, 2015).

A confusão que os brasileiros fazem com as nacionalidades senegalesa e haitiana provém de “semelhanças” que são tachadas a esses migrantes (“*são vaidosos*”; “*colonizados pela França*”; *são negros*). Colocados na “mesma forma”, esses migrantes causam estranhamento ao divergirem entre si. A matéria traz, a partir de um olhar de fora que estranhou a relação conflituosa, uma descrição também das diferenças entre as nacionalidades, ao ponto de essa diferença ser um conflito. A principal diferença, percebida no discurso, é a questão religiosa (no Haiti, vertentes evangélicas e a prática do vodu; no Senegal, o islamismo e suas especificidades nas confrarias). A constituição física do migrante também é salientada como elemento diferencial entre as nacionalidades – que, por sua vez, paralelamente se assemelham em seu sofrimento no Brasil. Em determinado trecho, está escrito: “*Os dois povos sofreram violações*”.

Trazer o elemento de conflito e disputa entre duas nacionalidades de migrantes no Brasil para o eixo das “*violações*” referenda a negatividade expressa no discurso sobre os povos africanos (neste caso, sobre os haitianos que descendem de escravos africanos trazidos à força para a América). A representação do continente africano atingiu um nível reducionista, alimentando o estereótipo, uma vez que a “África atual é substituída por significantes icônicos de um passado africano genérico” (Gilroy, 2012, p. 24), limitando a possibilidade de significados ao continente atrelados. O conceito de África, como problematiza Hall (2003), é, aos olhos do paradigma europeu, uma construção moderna, que simplificada-se refere a “uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos” (Hall, 2003, p. 31).

Estereotipar significa “reduzir a poucos traços essenciais e fixos na Natureza” (Hall, 2010, p. 429) e, dessa forma, o discurso “racializado” condenou o negro a ser representado por uma série de categorias binárias, a partir do entendimento entre civilização branca e civilização negra. Aos negros, as ideias de selvageria e de uma natureza “pacífica” em relação à dominação feita pela sociedade europeia ocidental no período escravagista (Hall, 2010). É nesse sentido que a figura do negro na mídia – e em demais espaços simbólicos da sociedade contemporânea – aparece a partir de elementos a ele atrelados que reforçam um sentido de inferioridade pela diferença.

Ao mesmo tempo, se constroem discursos sofisticados, com retóricas que simulam respeito às diferenças culturais. Sodré (1992) avalia que o discurso ocidental institucionalizado não concebe a diferença que não pela “diferença de valor”, instituindo hierarquias explícitas e implícitas desse valor. Para o autor,

o racismo, portanto, necessita dessa concepção de valor para possuir um paradigma capaz de classificar as identidades humanas – e valorá-las de maneira diferente. O racismo (ou neo-racismo, conforme aponta Sodré) contemporâneo, se expõe também através da invisibilidade de negros e negras, excluindo as práticas cotidianas desses sujeitos na esfera midiática. No caso das fontes jornalísticas para esta matéria, é perceptível que a citação do discurso de forma direta só ocorre com duas fontes de migrantes senegaleses (dois migrantes senegaleses que falam, especificamente, neste trecho que traz a diferença entre haitianos e senegaleses no abrigo acreano). Há muito espaço para a observação do sofrimento, mas pouco espaço para a fala do sujeito migrante sobre a sua forma de olhar para sua própria condição.

Assim, o discurso racializado é capaz de intervir na questão brasileira também pela ideia de um *outro* que não eu, através da concepção nacionalista. Além do migrante não ser o mesmo que eu, ele também é, conforme o discurso racializado, o *outro* inferior, pertencente a um continente estigmatizado, vitimizado e primitivo, não emancipado e carente. Isto quando o discurso não beira a máxima xenófoba ou racista e, ao invés de vitimizar o africano, o exclui completamente por meio de ofensivas.

## 5. Considerações finais

Ao situar a análise no contexto de uma pesquisa maior, buscamos refletir sobre sentidos construídos midiaticamente em torno das migrações contemporâneas, sobretudo com relação à presença de migrantes do Senegal no cenário brasileiro. Do mapeamento inicial, nos sites dos jornais de circulação nacional e regional, identificamos as principais temáticas abordadas sobre este fenômeno, ainda centradas na esfera econômica e política ou indicativas de situação de discriminação e racismo sofridos pela população migrante.

Na reportagem de *Zero Hora*, representativa sobre a recepção de estrangeiros no país, identificamos uma representação do migrante que leva a associá-lo como trabalhador incansável e incorruptível, louvado pelo sacrifício de viajar longas horas, passar por incontáveis problemas (com o idioma, com coiotes, com dinheiro, comida, habitação e racismo). Esse sujeito é digno de nosso respeito a partir dos sacrifícios que ultrapassa para residir no país em que, supostamente, é aceito.

Boa parte da intenção em manifestar a “saga” do migrante até o destino desejado, incluindo sonhos partidos e dificuldades superadas, está relacionada ao que se espera que seja um migrante “ideal” nos fluxos migratórios contemporâneos. A caridade, a compaixão e o envolvimento com suas histórias sofridas (relatadas através da voz do repórter que acompanha a saga) são sentimentos produzidos no público que não representam, em sua totalidade, o entendimento, a compreensão e a disposição à interculturalidade.

Novas pesquisas são necessárias para compreendermos quais mudanças podem estar ocorrendo na maneira de representar o migrante em solo brasileiro. Teríamos, por exemplo, no racismo velado através do retrato do vitimismo e do “incapacitismo” imposto ao migrante um problema contemporâneo à compreensão do *outro* e à ideia de alteridade? Nas rugas do discurso, o migrante, ainda que não apareça como mau sujeito (*aquele que vem ao nosso país para roubar nossos empregos; aquele que “suja” nossa pureza étnica; aquele que traz o terrorismo e o fanatismo religiosos*), tem sua capacidade de soberania reduzida à empatia caridosa através de histórias de superação narradas na esfera midiática. Neste processo, algumas características aparecem como inerentemente associadas à condição migrante, indicando, nos termos do que propusemos discutir, um discurso racializado da diferença, que leva à valoração do *outro* como inferior, digno de piedade, jamais protagonista de sua própria história.

É importante compreender, no entanto, que já se percebe, através da contínua observação de publicações a respeito da migração senegalesa, um desenvolvimento que não estanca apenas na representação estereotipada, aquela cujo reforço é, se não explicitamente desfavorável, tendencioso à vitimização. Em matérias que abordam temáticas ligadas à integração, com a promoção de encontros culturais, celebrações religiosas, mobilizações sociais de denúncia ao racismo, é possível perceber um movimento que vai avançando para além da exotização do *outro*, presente na representação das identidades negras, como bem aponta Hall, desde os primeiros encontros do mundo ocidental com os povos africanos.

Aos poucos, com o conhecimento, a adaptação e a compreensão por parte da mídia e da sociedade brasileiras sobre a migração senegalesa, o estranhamento se dissipa, dando lugar a abordagens que valorizam exemplos mais positivos sobre a cultura, os costumes, as contribuições dessa migração, demonstrando um esforço de compreensão do *outro* migrante a partir de elementos que vão além da oposição binária e naturalizada em relação ao brasileiro ou a outros migrantes.

Com isso, não se determina que os problemas e as carências impostas aos migrantes senegaleses não devam ser trabalhados pelo discurso midiático. A mídia é também esfera de disputa de sentidos e de denúncia sobre condições de exploração do migrante. O que se observa é a necessidade de criação de discursos que abordem mais elementos sobre essas identidades em diáspora, abrindo espaço para questões contextuais, históricas e cotidianas que possam contribuir para a interculturalidade.

## Referências bibliográficas

- Bhabha, H. (2003). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Brignol, L. D. (2016). Senegaleses na mídia: representações de novos fluxos migratórios para o Rio Grande do Sul. *Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación*, v. 12, p. 70-81. <https://bit.ly/2QdAdD8>.
- Chevalier-Beaumeil, E, & Morales, O. G. (2012). Aproximación etnográfica a la nueva migración africana en Argentina. Circulación y saberes en el caso de los senegaleses arriba dos en las últimas dos décadas. *Astrolabio*, v. 1, n. 8, p. 381-405. <https://bit.ly/2xGrlim>.
- Cogo, D. & Brignol, L. (2015). Reposicionando o nacionalismo metodológico: migrações, transnacionalismo e as pesquisas em consumo e recepção. In: Sodré, M.; Rocha Pêsoa Temer, A. C. & ElHajji, M. (Org.) *Diásporas urbanas e subjetividades móveis: migrantes, viajantes e transeuntes*. 1ed. Goiânia: Gráfica UFG. v. 1. p. 149-170.
- ElHajji, M. (2011). Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. *Revista Eptic. Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación*. v. XIII. n. 2. mai-ago. <https://bit.ly/2NMgvRS>.
- Fanon, F. ([1952] 2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia (Edufba).
- Gilroy, Paul. (2012). *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, jul./dez. p. 15-46.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- Hall, S. (2010). El trabajo de la representación. In: Hall, S. *Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Instituto de estudios sociales y culturales Pensar, Universidad Javeriana Instituto de Estudios Peruanos Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador Envión Editores.
- Hall, S. (2010). El espectáculo del “Otro”. In: *Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Instituto de estudios sociales y culturales Pensar, Universidad Javeriana Instituto de Estudios Peruanos Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador Envión Editores.
- Hall, S. (2010). La cultura, los medios de comunicación y el “efecto ideológico”. In: *Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Instituto de estudios sociales y culturales Pensar, Universidad Javeriana Instituto de Estudios Peruanos Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador Envión Editores.
- Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Apicuri.
- Heredia, V. (org.). (2015). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil*. Caxias do Sul: Belas Letras.



- Kleidermacher, G. (2013). Entre cofradías y venta ambulante: una caracterización de la inmigración senegalesa en Buenos Aires. *Cuadernos de Antropología Social*, v. 1, n. 38, p. 109-130.
- Redin, G., & Minchola, L. (2015). Proteção internacional de imigrantes forçados e a agenda brasileira. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, 4(8), 15-38. <https://bit.ly/2R5dRVm>.
- Silverstone, R. (2005). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.
- Schwarz, L. M. (2014). *Nem preto, nem branco, muito pelo contrário*. São Paulo: Claro Enigma.
- Sodré, M. (1992). A abominação do outro. In: *O social irradiado: violência urbana, neogrotesco e mídia*. São Paulo: Cortez.
- Tedesco, J. C. & Kleidermacher, G. (2017). *A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares*. Porto Alegre: EST Edições.
- Van Dijk, T. (1997). *Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós.